

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
**UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA
NO ESTUDO DIACRÔNICO DA LÍNGUA
EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DE RONDÔNIA**

Danielle Constantino de Lima (UNIR)
daniconsta@hotmail.com
Odete Burgeile (UNIR/VIGO-UFSC)
odetebur@gmail.com

RESUMO

O estudo apresenta uma abordagem sociolinguística acerca do estudo diacrônico em matérias jornalísticas, expondo a língua e os aspectos culturais do estado de Rondônia. A pesquisa possibilita a reflexão sobre os processos que constroem sociedades híbridas, influenciadas pelos processos migratórios que ocorrem durante sua formação e ocupação. Por meio do fato noticioso que é capaz de declarar uma marca da perspectiva de realidade dos sujeitos, foi possível acompanhar as transformações por que passam os textos juntamente com as mudanças linguísticas, motivadas pela mobilidade das ações sociais, culturais, políticas, tecnológicas e históricas. Com o percurso sociolinguístico, é possível observar os aspectos resultantes da relação entre a língua e a sociedade, analisando as marcas de heterogeneidade de forma diacrônica, sendo identificados fenômenos sintáticos, morfológicos, semânticos e diafásicos, sob a luz de alguns conceitos encontrados em teóricos desde clássicos como Saussure (1975), Labov (1976) e Meillet (1965), chegando-se a postulações mais recentes como as de Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004) e Stuart Hall (2003), entre outros. Para atingir esse objetivo, delimitou-se como *corpus* um conjunto de dez matérias jornalísticas publicadas nos anos de 1918, 1981 e 2015.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação diacrônica. Jornal impresso.

1. Introdução

Entendemos, como Queiroz (2009), que a escrita é uma fonte de preservação da memória linguística de um povo. É através dela que o homem registra a sua memória: literatura, ciência, direito, religião e ideologia. Assim, o *corpus* está voltado para a observação da língua, cultura e sociedade no século XX, imprimindo a discussão teórica quanto à origem ortográfica, lexical ou sintática, descrevendo e apresentando reflexões sobre as características da língua dentro do recorte de matérias de quase 100 anos, coletados de jornais impressos locais.

A metodologia adotada aponta para uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório e fenomenológico, uma vez que está interessada em registrar a vivência do "outro" e, nas análises, está aberta a outras interpretações.

Para complementar este estudo, foi necessário conhecer a história da formação de Rondônia, movimentos migratórios, suas causas, suas características e suas consequências. No que tange à questão étnica, a população é semelhante ao restante do país, formada por brancos, negros e índios. Mas, em virtude das fases de atração imigratória e emigratória ocorridas durante os ciclos de produção econômica, diversos povos dessas raças deram sua contribuição para o elemento humano rondoniense, cuja identidade regional ainda está em formação.

Este estudo perpassa pela perspectiva da linguagem a partir da ótica de teóricos como Labov (1976) e Meillet (1965) chegando a postulações mais recentes como as de Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004), e Stuart Hall (2003) sob o olhar da sociolinguística no estudo diacrônico, levantado por Saussure (1975) realizado nas análises, admitindo as variações ocorridas na língua e sua realidade heterogênea, relacionada com os padrões sociais, históricos, culturais e ideológicos da comunidade da fala.

Uma análise do percurso sociolinguístico da língua nas matérias do jornal impresso local contribuirá para o conhecimento mais amplo da realidade sociocultural e linguística deste município do Estado de Rondônia, em especial nos estudos de variação, mudança e contribuições linguísticas.

2. O percurso sociolinguístico da língua

A sociolinguística, desde o seu surgimento, traz as reflexões das relações entre língua, sociedade e cultura, bem como as inferências desse fenômeno nas variações da linguagem.

Os pioneiros acerca de estudos sociolinguísticos foram William Bright (1966) e Joshua A. Fishman (1972) que passaram a incorporar os aspectos sociais nas descrições linguísticas. Contudo, foi o americano William Labov (1960) que melhor definiu e insistiu na teoria da variação linguística.

Para Labov (2008), a língua não possui um sistema coerente e racional, mas se constitui em um sistema marcado por alterações, variações linguísticas relacionadas com o meio social. Desse modo, sendo a língua um fato social, a melhor maneira de estudá-la é concebê-la como um sistema heterogêneo. – Os procedimentos de descrição linguística são baseados na concepção de linguagem como um conjunto estruturado de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

normas sociais. (LABOV, 1972, *apud* REIS; MACHADO & BARBOSA, 2011, p. 6443)

Segundo Labov (2008), a mudança linguística não pode ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, ou seja, a explicação da mudança linguística, em suas palavras, “parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística” (LABOV, 2008). O autor esclarece que as mudanças ocorrem através do processo comunicativo e estão presentes na sociedade.

Entendemos então que, para a sociolinguística, a interação social se dá através da língua, desenvolvendo-se e transformando-se conforme o contexto sócio-histórico. Ela registra, descreve e analisa de maneira sistemática, por meio de pesquisas de campo, as diferentes formas que a língua se apresenta, selecionando a variedade linguística como seu objeto de estudo.

A análise da sociolinguística procura estabelecer a relação entre os processos de mudança que ocorrem na estrutura da língua ao longo do tempo com o processo de variação que se observa na língua em um momento específico.

Calvet (2002, p. 17) afirma que “o tema da língua como fato social” surgiu em paralelo com a linguística moderna, através dos posicionamentos do linguista francês Antoine Meillet (1866-1936), que insistia na “afirmação do caráter social da língua”. Meillet é apresentado nas postulações de Calvet como precursor da sociolinguística. Em uma das passagens citadas por Calvet, consta: “Por ser a língua um fato social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”. (MEILLET, 1965, p. 17 *apud* CALVET, 2002, p. 16)

A língua é entendida como matéria social, resultado da interação de sujeitos, é por meio da linguagem que os homens constroem mundos. A mudança do léxico e do sentido das palavras aponta para importantes características da língua: a instabilidade e a mutabilidade, ela muda com o passar dos tempos e com o contexto. Cunha (1991, p. 59) afirma que nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta infinitas diferenciações.

De maneira geral, a sociolinguística se revela enquanto o ramo da linguística que estuda a língua do ponto de vista de sua ligação com a sociedade, seja por um recorte geográfico, social ou histórico. Segundo Roberto Gomes Camacho (1988), as palavras mudam com o passar do tempo e é dessa dinâmica que trata a variação histórica, tendo em vista que as modificações que poderão ocorrer, tanto na grafia quanto no sentido de muitas palavras. Com a ação do tempo, a língua se transforma juntamente com a sociedade. Postula-se que, normalmente, as mudanças linguísticas começam com o falante, sendo ele o principal responsável por ela. Conforme afirmação de Borba (1967, p. 66),

Uma língua só se transforma através dos tempos porque os falantes introduzem inovações. Uma inovação, porém, só passa para o domínio da língua quando sai do âmbito pessoal ou familiar e se coletiviza. Deve-se a mudança ao indivíduo porque a sociedade não é uma realidade independente desligada de seus membros.

Quando pronunciamos os vocábulos, fazemos escolhas que estão relacionadas ao que ouvimos e lemos no cotidiano. Bakhtin reforça a ideia de que a linguagem se centra como um fator social, que parte das relações interpessoais existentes entre o sujeito falante e a interação social e a partir das diversas situações vividas por este e principalmente com o contato com outros falantes. Em uma relação dialógica e de sentidos, o indivíduo compreende a forma usada em um determinado contexto, porque “[...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. (BAKHTIN, 2009, p. 95)

Os sentidos ideológicos na formação da língua permeiam na construção também da cultura e identidade, sempre dialogando com o outro.

Nesta concepção, Bhabha declara que o processo de construção de identidades híbridas relaciona-se automaticamente com a alteridade, pois é diante de culturas diferentes que enriquecemos e aprendemos a respeitar e compreender o "outro" com outro olhar.

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais ou éticos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença da perspectiva da minoria é uma negociação complexa, em andamento que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (BHABHA, 1998, p. 21).

A investigação de um percurso linguístico combina três perspectivas: sócio-histórica, etnográfica e linguística. Na perspectiva histórica procura-se apresentar a história da comunidade, desde o seu início, pas-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

sando pelos deslocamentos geográficos que a mesma fez. Quanto à perspectiva etnográfica, são investigadas as características socioculturais da comunidade como suas festas, práticas religiosas, hábitos e organização econômica. Do ponto de vista da linguística, procura-se focalizar a realidade linguística vivenciada pela comunidade de fala frente à utilização da língua.

O percurso sociolinguístico parte, então, de dados da história de uma comunidade, procurando entender as mudanças sofridas ao longo do tempo, descrevendo sua situação linguística atual e considerando sua heterogeneidade.

3. *O estudo diacrônico da língua*

O termo diacronia foi introduzido por Ferdinand de Saussure, advindo do método histórico-comparativo. Diacronia vem do grego *dia* que significa através e *kronos* que significa tempo. O estudo diacrônico trata das mudanças que a língua sofre através do tempo. A partir da dicotomia sincronia *versus* diacronia Saussure determina uma distinção entre fatos sincrônicos e fatos diacrônicos: os fatos sincrônicos estabelecem períodos de regularidade num tempo da língua, a diacronia é a sucessão dessas sincronias.

Segundo o autor, a linguística diacrônica, deve distinguir duas perspectivas: uma, prospectiva, que acompanhe o curso do tempo e outra retrospectiva, que faça o mesmo em sentido contrário, daí um desdobramento do método. Assim, cabe a ela estudar as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (Cf. SAUSSURE, 1975, p. 116)

Apesar de Saussure ter estabelecido a sincronia como elemento básico para o estudo de língua, não desprezava a relevância da diacronia. A linguística diacrônica entende a língua como um diassistema⁹ e uma estrutura, concebendo-a como fenômeno em evolução, graças ao seu constante e dinâmico funcionamento, uma vez que as línguas se alteram, porque funcionam (MARÇALO, 1992, p. 117), recebendo influências externas.

⁹ Um conjunto de sistemas linguísticos, sendo mais ou menos complexo de “dialetos” (variedades diatópicas), de “níveis de língua” (variedades diastráticas) e de “estilos” (variedades diafásicas).

Conforme Saussure (1975), o fenômeno linguístico pode ser examinado a partir do “eixo das sucessões” da diacronia, que repercute todo o sistema, porque as mudanças na língua não se aplicam senão a elementos isolados. Entretanto, não cabe ao indivíduo essas mudanças, visto que a língua não premedita nada: é espontânea e fortuita. (SAUSSURE, 1975, p. 105)

Vemos então a importância da contribuição dessa ótica levantada pela diacronia nos estudos que envolvem documentos antigos, constata-se as mudanças na língua portuguesa levando em consideração também seus aspectos históricos.

Fala-se em variação diacrônica ou histórica, para designar aquela que sofre transformações com o passar dos anos. Tais mudanças não são repentinas, mas vão ocorrendo progressivamente. “Há geralmente um período de transição, onde encontramos variação sincrônica entre duas ou mais formas concorrentes, acabando uma delas por prevalecer”. (FERREIRA et al., 1996, p. 480)

A língua não é um mecanismo constante. Cada pessoa tem uma característica, uma maneira especial de usá-la, preferências por determinadas expressões ou até mesmo algumas palavras. Uma novidade na pronúncia começa por um indivíduo e, logo passa à família, amigos e pessoas próximas, abrangendo o círculo até tornar-se coletivo, que é um efeito que não depende do espaço geográfico, mas do tempo. De acordo com Borba (1967),

A ação do tempo é, muitas vezes, ajudada pela mudança de língua, por um motivo histórico qualquer (invasão, conquista, migração etc.). Sabemos que os dialetos se formam não só pela diferenciação inerente como também pela transferência da língua. (BORBA, 1967, p. 71)

3.1. A importância do jornal impresso no estudo diacrônico

Pelo documento, ocorre interação entre o pesquisador e o sujeito produtor do texto, na medida em que dois momentos históricos dialogam, interagem com a possibilidade de compreensão de duas épocas distintas, o jornal impresso se insere nessa visão.

Ao se compreender o jornalismo como uma atividade cultural, no viés dialético de construção social da realidade, é preciso reconhecer que ele só encontra legitimidade quando transcodifica e difunde formações

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

culturais já existentes na sociedade, reproduzindo de forma fiel o que vivencia socialmente.

Na prática da produção jornalística, existem duas espécies características de critérios de noticiabilidade, no processo de significação das notícias: os valores-notícia formais dos elementos institucionais da construção da notícia, integrantes do discurso dos jornais e dos jornalistas enquanto grupo profissional; e os valores-notícia ideológicos, que estão relacionados com o discurso político-moral vigente na sociedade. Desse modo, com as matérias jornalísticas, podemos analisar a transformação da língua em vários aspectos, utilizando os valores empregados pela prática jornalística da época vigente.

A linguagem usada nos jornais demonstra forte presença do híbrido/mestiço, mostrando o empréstimo linguístico e cultural do mundo nos territórios colonizados pela Europa Ocidental, como o Brasil, e, em consequência, também o estado de Rondônia.

Steinberger (2005) afirma que o fato noticioso é capaz de declarar uma marca da perspectiva de realidade dos sujeitos do discurso. Ao escolher como *corpus*, reportagens de três jornais impressos, representativos no estado de Rondônia, será investigado, sob o olhar sociolinguístico, como eles constroem – discursivamente – a língua.

O campo jornalístico é constituído pela ideia de representação da realidade. A compreensão do funcionamento dos textos está vinculada aos fatores sócio-históricos. Nesse caso, é possível acompanhar transformações pelas quais passam os textos e com as variações linguísticas, ambas motivadas pelas ações sociais, culturais, políticas, tecnológicas e históricas. Essas mudanças serão observadas no contexto dos séculos XIX ao XX na história do jornalismo, porque é nesse período que a imprensa conquista a sua funcionalidade como instituição social, contribuindo, inclusive, para as transformações sociais e para o desenvolvimento das ideologias ou “práticas cidadãos”.

As modalidades de critérios de noticiabilidade no jornal impresso determinam diversos ângulos de abordagem de uma notícia e redirecionam para os interesses constituídos da instituição “os temas ideológicos adaptam-se de várias maneiras segundo a construção específica que cada organização jornalística escolhe” (HALL, 1981b, p. 231, tradução nossa). As transformações das ideologias e do discurso do sujeito são marcadas na escrita, mesmo quando reproduzidas por outro, no caso, o jornalista.

Para a sociolinguística, o que interessa é o comportamento social que essas normas e ideologias, que são impostas e escritas, podem provocar, desenvolvendo consequências sobre o comportamento linguístico.

4. História da formação de Rondônia

Antoine Meillet, citado por Calvet (2002), defende a ideia de que, para a compreensão da língua e de como ela foi ou é falada e escrita de determinada forma, devemos levar em consideração os fatores externos a ela, pois a linguagem é eminentemente um fato social que reflete os acontecimentos externos.

Portanto, atualmente, num estudo sociolinguístico, é necessária a descrição e a análise social e histórica do objeto de pesquisa; ou seja, é primordial abordar a formação de uma comunidade para se obter um resultado satisfatório.

Por isso, identificar os fatores históricos, como as condições socioeconômicas, a escolaridade e formação de uma região, é imprescindível para o entendimento do funcionamento da língua, pois estas dicotomias são suportes para a boa compreensão da estrutura linguística e da sua concretização na sociolinguística.

Na região Norte, o início do século XX (período da produção dos recortes da pesquisa) foi marcado pela retomada da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) e pelo Ciclo da Borracha, importantes momentos que contribuíram para a formação da população miscigenada de Rondônia.

Pioneiros vindos de diversas regiões do Brasil, sobretudo do Nordeste, aportaram em Porto Velho junto com estrangeiros norte-americanos, italianos, ingleses, gregos, hindus, espanhóis, portugueses, além de outros vindos de nações centro-americanas como Barbados, Trinidad Tobago, Jamaica, Santa Lúcia, Martinica, São Vicente, Guianas, Granadas e outras ilhas das Antilhas, com os negros denominados barbadianos.

A construção da EFMM deveria facilitar o escoamento da produção de borracha e das exportações bolivianas pelo rio Amazonas até o Oceano Atlântico. Como o trecho encachoeirado dos rios Mamoré e

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Madeira impedia a navegação, Brasil e Bolívia vislumbraram a possibilidade de um negócio internacional.

Pelo acordo, o Acre, que pertencia a Bolívia foi incorporado ao território brasileiro. Em contrapartida, o Brasil, além de pagar pelas terras acrianas, cedeu terras no Amazonas e comprometeu-se a construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré para escoar a produção boliviana pelo rio Amazonas.

Desta forma, teve início a construção da EFMM, no final do século XIX. A Madeira-Mamoré Railways Co. Ltda. contratou a empresa inglesa Public Works, que abandonou a empreitada logo no começo. A empresa americana P & T Collins deu sequência ao projeto com trabalhadores norte-americanos, irlandeses, italianos e brasileiros.

A partir deste contexto, deu-se o surgimento de vários seringais que eram muitas vezes instituídos à força a partir da crueldade, ocasionando a morte de muitos seringueiros que estavam sujeitos ao regime de escravidão.

Entretanto, problemas ocasionados pelos ataques de índios e doenças como malária, disenteria, beribéri e pneumonia dizimavam os trabalhadores. A construção da ferrovia foi interrompida em agosto de 1879 para ser retomada em 1907 pela empresa americana May-Jekyll e Rodolph dirigida por Percival Farquar. O estado pode ser considerado um estado cosmopolita¹⁰, que sofreu grande influência dessa obra na história da formação da população rondoniense.

5. *Análise do corpus*

A análise foi realizada a partir de recortes de notícias escritas há quase 100 anos, nas quais se procurou demonstrar as variações ocorridas nos séculos XX e XXI.

Para a análise comparativa da linguagem escrita de 1918 e 1981, utilizamos as bases do Formulário Ortográfico¹¹ de 1943. Observamos que a ortografia utilizada é anterior à reforma Ortográfica de 01 de se-

¹⁰ Cosmopolita: Cidade em que vivem pessoas de quase todas as partes do mundo.

¹¹ O Formulário Ortográfico de 1943, aprovado em 12 de agosto de 1943, é um conjunto de instruções estabelecido pela Academia Brasileira de Letras para a organização do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*.

tembro de 1911, a primeira oficial em Portugal que inicialmente não teve a adesão no Brasil, por um longo período os dois países tiveram ortografias diferentes até a aprovação do Formulário Ortográfico de 1943.

Este documento sofreu alterações introduzidas pela Lei 5.7651 de 18 de dezembro de 1971, que regulou a grafia do português no Brasil até 31 de dezembro de 2008 e cujas normas continuam a ser aceitas até 31 de dezembro de 2015.

Portanto para a análise da evolução da língua de 1918 até nossos dias, utilizaremos as bases desse acordo, uma vez que a nova normatização só entrou vigor agora, em 2016. Para isso apresentaremos as bases do Formulário Ortográfico de 1943 e estudaremos as mudanças e fenômenos ocorridos na ortografia, sintaxe, morfologia e semântica, observando os recortes nas figuras abaixo.

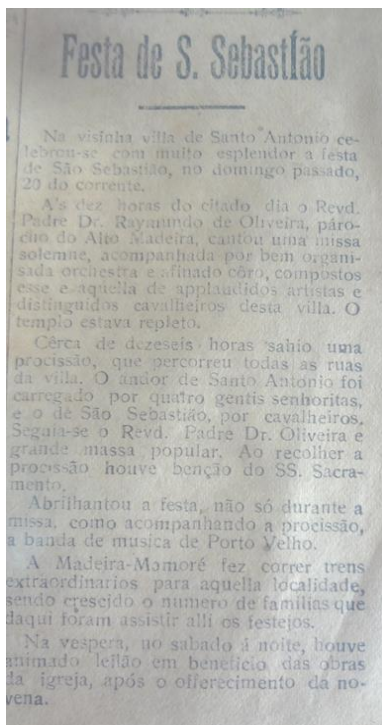


Fig. 1- Recorte Jornal Alto Madeira publicado em 24 de janeiro de 1918

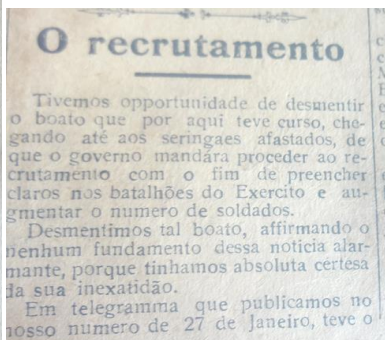


Fig. 2- Jornal Alto Madeira publicado em 24 de janeiro de 1918

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA



Fig. 3- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 28 de janeiro de 1918.

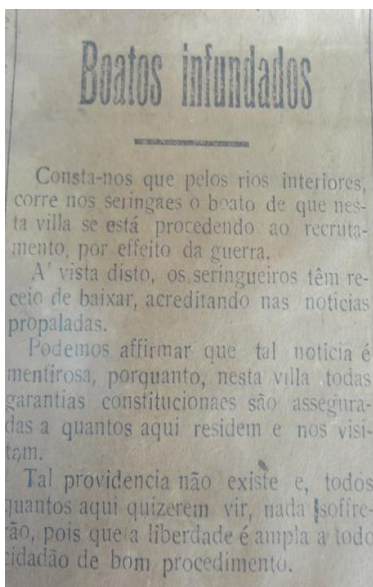


Fig. 4- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 14 de março de 1918

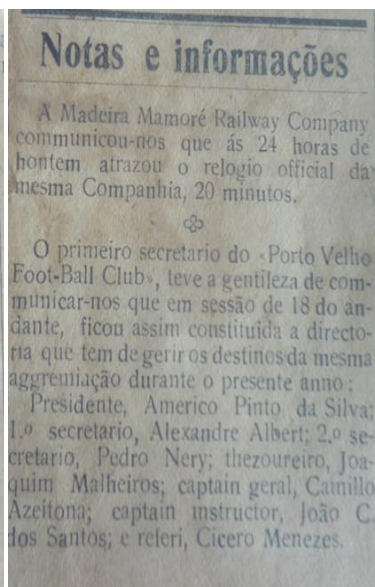


Fig. 5- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 17 de janeiro de 1918

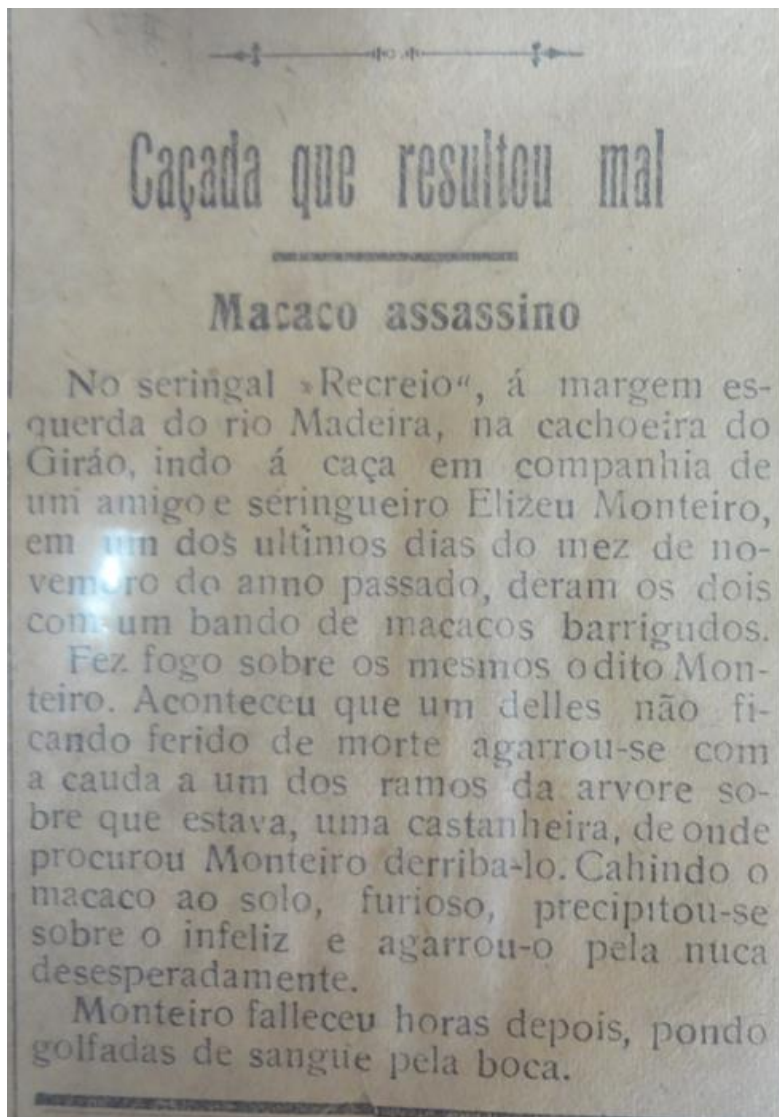


Fig. 6 -Recorte Jornal Alto Madeira publicado em 14 de março de 1918

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

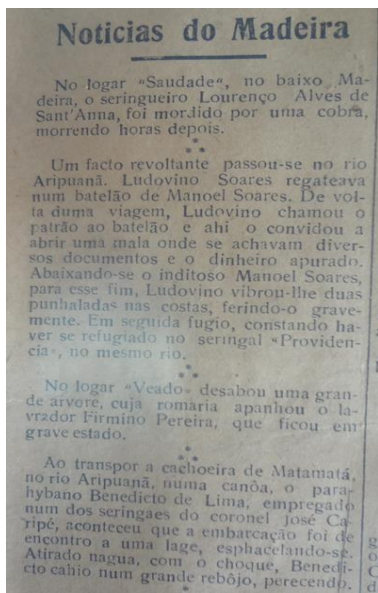


Fig. 7- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 14 de março de 1918

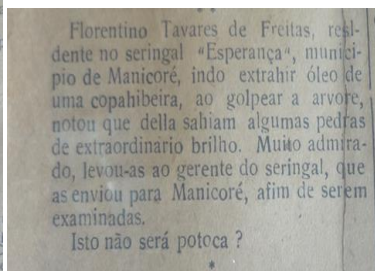


Fig.8 – Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 10 de março de 1918

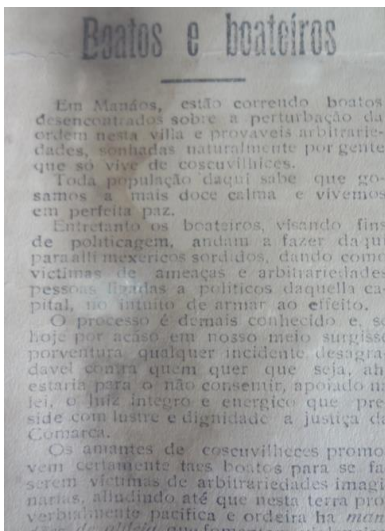


Fig. 9- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 28 de fevereiro de 1918.



Fig.10- Recorte jornal O Estadão do Norte publicado em 06 de abril de 1981.



Fig.11- Recorte jornal O Estadão do Norte publicado em 08 de abril de 1981.

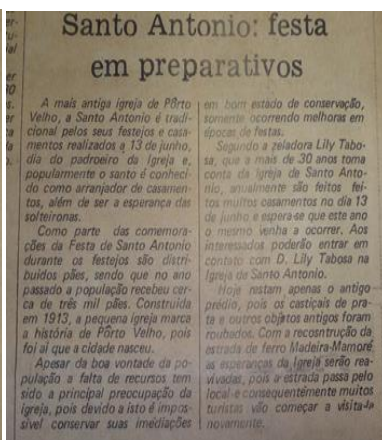


Fig.12- Recorte jornal O Estadão do Norte publicado em 05 de abril de 1981.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

5.1. Bases do acordo ortográfico de 1943

O acordo Ortográfico de 1943 estabelece as seguintes bases:

- **Base I** – Alfabeto: determina a composição do alfabeto português com 23 letras, permitindo o emprego das letras K, W e Y apenas em casos especiais.
- **Base II** – K, W, Y: apresenta as mudanças gráficas de termos que até então empregavam essas letras – k por qu (antes de e e i) ou por c (antes das outras vogais). O w, substituído por v ou u, de acordo com seu valor fonético. O y substituído sempre por i. As únicas exceções foram as letras que compõem abreviaturas internacionais ou fazem parte de antropônimos estrangeiros. Exemplos retirados dos textos do jornal Alto Madeira: *anonymo*, (Figura 3), foi substituído por anônima.
- **Base III** – H: esta letra passou a ser conservada apenas no princípio das palavras cuja etimologia o justificasse nos dígrafos ch, lh e nh, em interjeições e nos compostos com hífen. Foi abolido em compostos sem hífen.

Vimos nos textos em análise, palavras grafadas com a letra “h”, como por exemplo: *cahindo* (anexo 5), substituído por *caindo* e *hontem* (anexo 6), por *ontem*, *esphacelando-se* (figura 7), por *esfacelando-se*, *copahibeira* (figura 8), por *copaibeira*.

- **Base IV** – Consoantes mudas: extinção completa de quaisquer consoantes que não se proferissem, ressalvadas as palavras que tivessem variantes com letras pronunciadas ou não.
- **Base V** – SC: eliminação do sc no início das palavras e manutenção apenas quando os vocábulos já estivessem formados. Não foram identificadas palavras iniciadas com SC nas matérias pesquisadas.
- **Base VI** – Letras dobradas: permanência dos grupos rr e ss com som único e do grupo cc (ou cç) com sons distintos.

Encontramos um grande número de palavras grafadas com letras dobradas, nos textos em análise, como por exemplo: *offerecimento* (Figura 1), *oportunidades*, *afirmando* (Figura 02), *delles*, *falleceu* (Figura 5), *villa*, *alli*, *alludindo* (Figura 9).

- **Base VII** – Vogais nasais: fixação da grafia dessas vogais.

- **Base VIII** – Ditongos: regras para a grafia de ditongos orais e nasais.
- **Base IX** – Hiatos: uso de *oe* e *ue* nos verbos terminados em *oar* e *uar* na 1ª, 2ª e 3ª do singular do subjuntivo.
- **Base X** – Parônimos e vocábulos de grafia dupla: fixação de grafias de *e/i*, *o/u*, *c/q*, *ch/x*, *g/j*, *s/ss/c/ç*, *s/x*, *s/z* e com os vários valores fonéticos do *x*. Observamos mudanças na grafia de palavras com *S*, como por exemplo: *mez* (Figura 5), *atrazou* (Figura 6).
- **Base XI** – Nomes próprios: regras do Formulário para aportuguesamentos e nomes próprios. Ressalva ao direito de manter a grafia original dos nomes próprios de pessoas e empresas. Exceção feita aos topônimos de tradição histórica, tais como "Bahia".
- **Base XII** – Acentuação gráfica: regras para grafar os acentos nas oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Exemplos de como eram grafados: *Cêrca* (Figura 1), *vitima* (Figura 9), percebe-se que não havia regras para acentuação.
- **Base XIII** – Apóstrofo: apenas para supressão de letras em versos, reprodução de pronúncias populares, supressão de vogais em palavras compostas com consagração pelo uso, como em *d'oeste*", *d'allo*", *d'arco*", etc.
- **Base XIV** – Hífen: uso de hífen em verbos e palavras compostas com prefixos e sufixos, além de verbos.
- **Base XV** – Divisão Silábica: determinou que a separação silábica devesse ser feita pela soletração e não mais pela etimologia.
- **Base XVI** – Emprego das iniciais maiúsculas: apresentou as regras para o uso de maiúsculas, excluindo-o para meses do ano, pontos cardeais, nomes de povos e nacionalidade.
- **Base XVII** – Sinais de pontuação: uso das aspas (aspas americanas), do parêntesis, do travessão e do ponto final.

5.2. Aspectos culturais, morfológicos, sintáticos e semânticos

As mudanças operadas na língua partem das mudanças no homem. Assim sendo, a língua não é apenas um instrumento ou um meio de comunicação qualquer; se manifesta como prática social. Nas matérias

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

jornalísticas, notamos as características das práticas sociais e das variações ocorridas na língua, como podemos observar nos recortes em forma de figura a seguir.

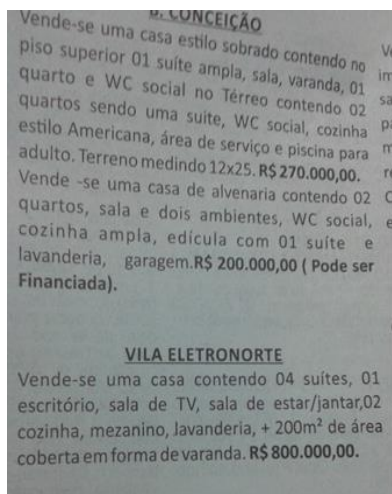


Fig. 13 – Recorte *Jornal Diário da Amazônia* publicado em 17 de março de 2015.

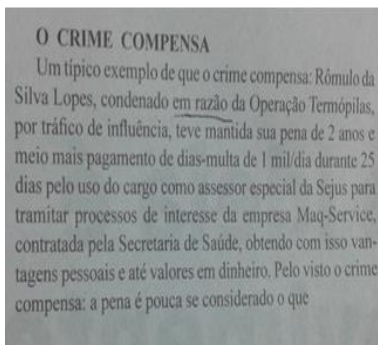


Fig.14- Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 17 de março de 2015.

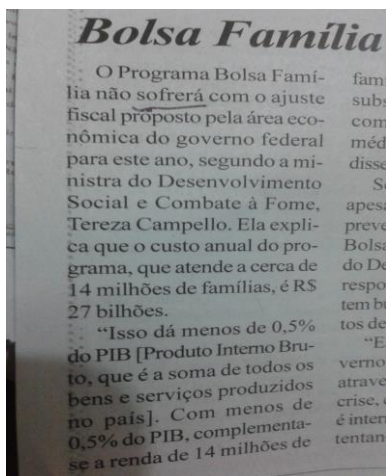


Fig. 15- Recorte jornal *O Estadão do Norte* publicado em 17 de março de 2015.

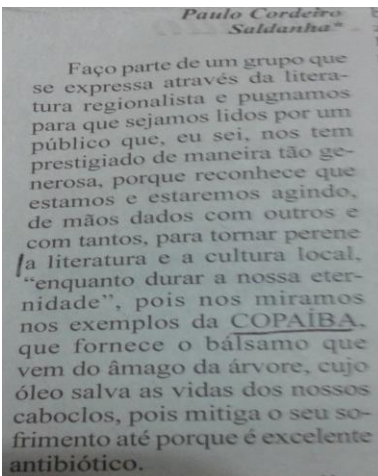


Fig. 16 - Recorte *Jornal Alto Madeira* publicado em 17 de março de 2015

O tratamento cultural dado às matérias evidencia a história do ser rondoniense, sustentada por essa formação ideológica, destaca-se a representação cultural/identitária existente em Rondônia no recorte do (Figuras 2 e 12), matéria que fala sobre “A festa de São Sebastião”, que remete à representação cultural de festa junina e a missa marca a instituição religiosa do catolicismo advinda da miscigenação de povos que migraram para o Estado.

Questões identitárias dos trabalhadores do período (do caboclo, índio) e o imaginário construído sobre a Amazônia são perceptíveis na frequência de matérias que narram acontecimentos nos seringais, nas florestas, vilas, cachoeiras, garimpos e nos ataques de animais como macacos, onças e cobras (Figuras 5 e 8).

Nas notícias de 2015, percebeu-se a transmissão de um efeito de sentido que dá à narrativa noticiosa um aspecto de credibilidade e imparcialidade. Em algumas matérias o “sujeito jornalista” por meio de marcas linguísticas simula o distanciamento e fidelidade à realidade dos fatos, como por exemplo, a utilização da terceira pessoa dando a ideia de que o próprio assunto se autoapresenta.

É dominante a utilização de adjetivação das matérias, e marcas do “sujeito jornalista”, como ocorre nos recortes “*perigoso*”, “*marginal*”, “*não é gente que cheire bem*” (Figura 11), “*revoltante*” (Figura 7) e fenômenos como a ironia e o discurso direto e indireto que traz marcas linguísticas ou tipográficas que indicam a heterogeneidade.

Nota-se a utilidade informativa social do jornal que marca período do trabalho na Estrada de Ferro, no recorte “*A Madeira Mamoré Railway Company comunicou-nos que às 24 horas de ontem atrasou o relógio oficial da mesma Companhia, 20 minutos*” (Figura 6).

O trecho acima traz marcas históricas do período da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e a utilização temporal no jornal impresso, que era produzido diariamente e impresso à noite, mas sua distribuição ocorria somente no dia seguinte, ou seja, o “ontem” era escrito no “hoje” e distribuído no “amanhã”, de forma a dar atualidade aos fatos.

Os problemas sociais são retratados nas notícias em todos os períodos analisados, como ocorre nos recortes “*A enchente*” de 1918 (Figura 3) e “*Inundações de ontem causam prejuízo*” de 1981 (Figura 11), situações que continuam provocando transtornos.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

5.2.1. Aspectos morfológicos

1918	2015
Promovem <i>taes</i> boatos... (Figura 9)	Produtos <i>tais</i> como, arroz, feijão.
Chegando até <i>aos seringaes</i> afastados... (Figura 1)	Os trabalhos nos <i>seringais</i> .

5.2.2. Aspectos sintáticos

1918	2015
...nesta <i>villa</i> se está procedendo ao recrutamento, <i>por efeito da</i> guerra. (Figura 4)	<i>Vila</i> Eletronorte (Figura 15) Condenado <i>em razão</i> da Operação. (Figura 14)
Tal providencia não existe e, todos quantos quiserem vir, nada <i>soffrerão</i> , pois que a liberdade <i>é ampla</i> a todo cidadão <i>de bom</i> procedimento. (Figura 4)	O programa Bolsa Família não <i>sofrerá</i> com o ajuste fiscal. (Figura 13) Sempre foi de <i>boa índole</i> .

5.2.3. Aspectos semânticos

1918	2015
Amantes de <i>coscuvilhices</i> promovem certamente <i>taes</i> boatos. (Figura 9)	O grupo retorna do dia 24 com “A Formiga <i>Fofoqueira</i> ”
Um delles não ficando <i>ferido de morte</i> (Figura 5)	Apesar da violência dos ataques, Ulian não corre <i>risco de morrer</i> .

6. Considerações finais

Portanto, nota-se que a luta pela concepção social da língua vem de longos percursos. A sociolinguística continua buscando a efetivação de práticas que valorizem a diversidade linguística, e, conseqüentemente, a identidade cultural, expressa em cada ato de comunicação.

Discorreu-se, inicialmente, sobre o percurso teórico da concepção social da língua, a partir de considerações que enfatizaram a relação entre língua, sociedade e cultura, nas diversas manifestações linguísticas, observadas no estudo diacrônico na escrita das matérias jornalísticas, uma vez que, apresentam as identidades culturais dos indivíduos.

Nessa perspectiva, por meio de matérias em jornais impressos, foi possível analisar a realidade sociocultural e linguística da região e perceber quais aspectos históricos influenciaram as variações apresentadas,

mostrando o dinamismo da língua e a importância de estudos que a definem como objeto científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

BRIGHT, William. (Org.). *Sociolinguistics*. Haia: Mouton, 1966.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad.: Marcos Maciolino. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. A variação linguística. In: _____. *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo: SE/CENP, 1988, v. 3, p. 29-41.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad.: Heloisa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. Trad.: da Introdução: Gênese Andrade. 4. ed. 1. reimpr. São Paulo: USP, 2006.

CUNHA, Celso. *Uma política do idioma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

FARACO, Carlos Alberto et al. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, Djane Antonucci. (Org.). *A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2007, p. 21-50.

FISHMAN, Joshua A. *Language in Sociocultural Change*. Essays by Joshua A. Fishman selected and introduced by Anwar S. Dil. Stanford (California): Stanford University Press, 1972.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARÇALO, Maria João Broa Martins. *Introdução à linguística funcional*. Lisboa: ICALP, 1992.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. As variações ortográficas do século XIX. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, vol. 34, n. 34, p. 57-64, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

STEINBERGER, Margareth Born. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: Educ/FAPESP/Cortez, 2005.